

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Coelho, Pedro

**Arquitectura : passado, presente e futuro :
resposta**

<http://hdl.handle.net/11067/5871>

<https://doi.org/10.34628/2888-zv22>

Metadados

Data de Publicação	2021
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T16:03:39Z com
informação proveniente do Repositório

PEDRO COELHO



O percurso evolutivo do poder das máquinas iniciado na revolução industrial, fortemente incrementado pelo poder dos algoritmos e robots da tecnologia conectada, começa a dar sinais de que os humanos são um problema no sistema, pelas falhas e inconstância que continuamente provocam. Vão as actividades humanas serem todas substituídas pela eficácia do algoritmo? onde fica a política e o direito?

O homem ao criar as máquinas substituindo-se e aumentando a capacidade produtiva, faz com que a sedentarização, e a possibilidade da mesma subsistir, torne o mundo que conhecemos insustentável e fora do nosso controle.

O aumento demográfico possibilitado pela evolução industrial torna o uso do algoritmo necessário e obrigatório, pois é este o mais capaz e eficaz contra o caos.

Não há volta a dar, e o papel da Política e do Direito, passa pelo controle e fiscalização por detrás do sistema.

Serão os homens apenas o pretexto, enquanto ser vivo evoluído da longa cadeia natural, para que no uso e disposição livre dos elementos da tabela periódica presentes no planeta, fabricarem as máquinas para explorarem o Universo, face à nossa finitude e fragilidade?

A ideia de o homem ser um pretexto pressupõem a existência de um plano, a minha perspetiva actual é a de que é a nossa consciência de finitude e fragilidade que nos faz querer ser máquinas e confiar cegamente nas mesmas.

É inevitável que, ou por necessidade ou por alor ao desconhecido, a exploração do Universo seja aos dias de hoje o grande objetivo da humanidade e a sua salvação.

O coronavírus veio avisar que a obrigatória aceleração da digitalização da sociedade é um passo à beira do abismo civilizacional. quando todo o indivíduo, com medo e pavor, se esconde atrás da protectora máscara, perdemos o rosto e somos um input numa aplicação que nos rastreia. qual vai ser a evidência de um novo tipo de liberdade?

A liberdade anda de mãos dadas com o medo e é esse medo que nos faz acreditar que tudo o que nos é pedido é a favor de uma suposta liberdade futura.

A liberdade como conceito é alterada e adaptada à sociedade de acordo com as realidades existentes e o coronavírus esconde uma liberdade já comprometida, e ao contrário da máscara, este é útil à propagação do vírus muito mais letal, o da omissão de iniciativa que temos como indivíduos pouco exigentes.

A arquitectura deu forma ao mundo e moldou as imagens das instituições como as conhecíamos. Com a diluição da forma das instituições e a descaracterização formal da função os edifícios, as cidades novas revelam-se todas numa imensa massa de indiferença de objectos urbanos e os edifícios de uma banalidade tremenda. Para que servirá a Arquitectura numa sociedade diluída e alheada em redes sociais, desformatada e descaracterizada pela banalidade?

A arquitetura tem hoje um papel fundamental no encontro de soluções combinadas em que o meio ambiente ocupe o seu lugar prioritário, a consciência de que só vivendo em comunhão com a natureza poderemos voltar a nivelar este baloiço desequilibrado que levará o homem à sua extinção.